

**Festa de congada como um acontecimento histórico e discursivo:  
resistência, discurso e memória**

**Festival of Congada as a historical and discursive event: resistance,  
discourse and memory**

DOI:10.34117/bjdv5n9-167

Recebimento dos originais: 14/08/2019

Aceitação para publicação: 24/09/2019

**Andrea Silva Domingues**

Doutora em História: História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo /  
Professora visitante sênior do Programa de Pós Graduação em Educação e Cultura, Campus  
Universitário do Tocantins/Cametá da Universidade Federal do Pará – PROCAD /  
AMAZÔNIA.

Instituição: Programa de Pós Graduação em Educação e Cultura, Campus Campus  
Universitário do Tocantins da Universidade Federal do Pará – PROCAD / AMAZÔNIA.  
Endereço: Rua Padre Antônio Franco, nº 2617 - Programa de Pós Graduação em Educação e  
Cultura, PROCAD / AMAZÔNIA, Universidade Federal do Pará- Campus Universitário do  
Tocantins. Cametá, Pará, Brasil – CEP 68.400.000  
E-mail: andrea.domingues@gmail.com

**RESUMO**

Nesta pesquisa, propõe-se a estudar o processo de construção e significação do sujeito congadeiro que se (re)significa nos festejos de congada, nas cidades de Silvianópolis e Bom Repouso - MG. Analisando o discurso de e sobre o festejo da congada, pode-se observar o funcionamento de diferentes formações discursivas presentes no festejo, e explicitar como estas afetam o processo de construção identitária de homens que se inscrevem como congadeiros. A formação discursiva aqui investigada é fruto, portanto, de gestos de leitura observados num *corpus* de análise composto por narrativas orais. As discussões teóricas e metodológicas estão filiadas à Análise de Discurso e à História e contribuem na construção de um olhar que avance a memória institucionalizada.

**Palavras-chave:** discurso; memória; festejo; resistência.

**ABSTRACT**

In this research, it is proposed to study the process of construction and signification of the congadeiro subject that is (re) signified in the celebrations of congada, in the cities of Silvianópolis and Bom Repouso - MG. Analyzing the discourse of and about the celebration of the Congada, we can observe the functioning of different discursive formations present in the celebration, and explain how they affect the process of identity construction of men who enroll themselves as congadeiros. The discursive formation investigated here is the result of reading gestures observed in a corpus of analysis composed of oral narratives. The theoretical and methodological discussions are related to Discourse Analysis and History and contribute to the construction of a look that advances the institutionalized memory.

**Keywords:** speech; memory; partying; resistance.

## 1 INTRODUÇÃO

O festejo de congada é, para nós, um acontecimento discursivo que está inserido na memória discursiva e histórica do sul de Minas Gerais. Entendemos que toda a memória foi construída a partir de uma formação discursiva produzida em condições de produção específicas para determinados grupos sociais. Através da análise de diferentes discursos, que nos levam a compreender mecanismos de individuação de sujeitos em seus processos de identificação, e tomando como núcleo de interesse o espaço, a memória e o acontecimento, procuramos compreender como se dão os processos de produção de sentidos e de identificação presentes neste espaço/região da sociedade brasileira em que se move também a memória.

Ao debruçarmos sobre as diferentes formações discursivas, levamos sempre em conta o funcionamento da memória, do discurso, do linguístico e textual correlacionados com o contexto histórico e social da produção dos discursos ali perceptíveis que estão em constante movimento.

O *corpus* de análise oportuniza diferentes formas de interpretação do significado e transformações das festas de congada, indicando um paralelo com a vida dos trabalhadores envolvidos e que faz parte de questões de sua própria existência; pois ao participar das festas, observa-se que a realização do acontecimento envolve discurso, memória e história; onde os participantes se organizam durante diferentes períodos do ano para a realização da festividade.

Na busca de refletir sobre as diferentes vozes dos congadeiros que vivenciam e ou vivenciaram o festejo de congada, selecionamos as cidades de Silvianópolis e Bom Repouso que possuem os festejos de congada em parte do Sul de Minas Gerais.

Neste diálogo informal de reconhecimento do objeto de estudo, pode-se perceber que muitos dos participantes que têm destaque no ritual da festa, que desempenham papel importante, como os chamados congadeiros, são considerados pela comunidade, são respeitados por parte dos moradores da cidade. Nas conversas informais, esses eram os indivíduos indicados pela comunidade para serem entrevistados.

Muitas vezes a comunidade considera que alguns trabalhadores são portadores do conhecimento, mas como pesquisadora penso que este é um momento que se deve ter muito cautela, porque pela própria experiência do entrevistado indicado, pode significar também a instituição de uma memória hegemônica da festa, criando um sujeito “oficial”, e desta maneira há necessidade de buscar outras memórias, passando pela dificuldade de no diálogo

com o entrevistado fazer com que a conversa extrapole essa memória constituída, que é uma tarefa difícil, porém não impossível, pois;

É, por necessidade, um experimento em igualdade, baseado na diferença. É preciso que sempre exista uma linha de diferenças, que depois de transpostas, torne-se plena de significado, mas é necessário que exista também uma “linha”, segundo o qual possamos comunicar o desejo de encontrar um terreno e uma linguagem comuns que possibilitem a troca. (PORTELLI, 1997, p.19)

Buscamos em nossos trabalhos de campo, especialmente no momento de realização das entrevistas, estabelecer uma relação próxima como nossos entrevistados.

Embora possamos ser doutores em qualquer matéria entrevistando analfabetos, na situação de campo são eles que têm os conhecimentos, ou seja, “o pouquinho” que estamos “tentando aprender”. Podemos ter status, mas são eles que têm as informações e, gentilmente, compartilham-nas conosco. Manter em mente esse fator significa lembrar que estamos falando, não com “fontes” – nem que estamos por ela sendo ajudados – mas com pessoas. (PORTELLI, 1997, p.25)

Isto nos conduz a ter uma relação além de objetos de estudos, mas de compromisso social, do qual possamos ter um olhar político e histórico a frente das relações estabelecidas do presente com o passado.

A oralidade é uma importante fonte neste estudo, por ser um instrumento de formulação e de construção de memória discursiva, como produção de consciências e formulação de referências identitárias. Dentro dessa trama de passado e presente, ocorre um diálogo permanente que vai analisando, (re) criando, e identificando diferentes sentidos à realidade vivida. Nesse exercício de observar, ser ouvinte, a oralidade mergulha em uma multiplicidade de vozes, sinais escondidos nas experiências de vida, que não são localizadas na memória considerada institucional.

Dialogar, com os depoimentos recortados, é proporcionar uma reflexão das resistências, das lutas que ainda podem existir por parte de alguns integrantes da festa na tentativa de manter-se mais próximos de suas práticas de linguagem cotidianas do passado; mas este preservar da festa não significa torná-la imóvel, sempre igual, até porque a cada ano a festa é (re) significada; resistir a mudanças dos ritmos, ou das datas de realização da comemoração, é um mecanismo para preservarem a festa, que também é a maneira de manterem a festa importante para a vida deles. Assim a Análise de Discurso é nosso dispositivo de análise, pois:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata de língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2010, p.15)

Na prática de linguagem de nossos entrevistados, observamos o que falam, como falam, o discurso e a palavra em movimento que realizam um ir e vir da memória, recortada por diferentes tempos, espaços e posição sujeito, o deslizamento de sentido na linguagem, que não é só na / com/ da/ pela linguagem mas também na/da/pela história.

Para isto, o diálogo da História com a Análise de Discurso é fundamental, de maneira que o pesquisador possa construir um olhar crítico que implica colocar-se diante da problemática do presente como protagonista e ir além do dito, considerando sempre o funcionamento da linguagem.

Não consideramos nem a linguagem como um dado nem a sociedade como um produto; elas se constituem mutuamente. Se assim é, o estudo da linguagem não pode estar apartado da sociedade que a produz. Os processos que entram em jogo na constituição da linguagem são processos histórico-sociais. A Análise de Discurso tem uma proposta adequada a estas colocações, já que no discurso constatamos o modo social de produção da linguagem. Ou seja, o discurso é um objeto histórico-social, cuja especificidade está em sua materialidade, que é a lingüística. (ORLANDI, 2008, p.17)

Dessa forma os *corpus* de análise deste estudo é muito importante na medida que o compreendemos como linguagem constitutiva do social, problematizando-a a partir de sua objetividade ideológica ou de sua neutralidade histórica.

E é a partir da formação ideológica que acreditamos ser possível trabalhar com as formações discursivas, pois:

As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido em relação às formações ideológicas dessas posições, isto é, em relação as formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (ORLANDI, 2010, 42-43)

Como nos aponta Orlandi (2010, p.43) entendemos que “*formação discursiva* se define como aquilo que numa formação ideológica dada (isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio – histórico dada) determina o que pode e deve ser dito.” , é através da formação discursiva que percebemos o sentido do festejo para cada um de nossos entrevistados, que são regulados pela ideologia, pois temos;

A intenção de superar a análise histórica, sob o ponto de vista das totalidades, tem conduzido cada vez mais historiadores à investigação da micro-história e ao uso da Análise de Discurso de linha francesa, que propõe a compreensão dos nexos e das relações sociais imbricadas nas formas de significar da atividade humana em todas as suas manifestações. É a partir desta intenção que se fala em totalidade, traduzida na compreensão de novos temas de pesquisa relacionados com as particularidades da vida cotidiana e que vêm sendo discutidos entre analistas de discurso e historiadores. (DOMINGUES; CARROZA, 2013, p.08)

O festejo de congada é entendido como um espaço de sociabilidade, lazer, tradição, saberes, fé, resistência, no qual cada posição sujeito busca sua identidade, e se constitui na – e - pela linguagem; é um acontecimento discursivo que significa a história é o lugar onde se efetivam diferentes formas de se fazer e de se viver a festa.

## **2 UM ACONTECIMENTO DISCURSIVO E HISTÓRICO**

A festa de congada não é apenas um fato histórico, estagnado no passado em tempos remotos, e sim um acontecimento histórico que gerou o acontecimento discursivo, que produz efeitos de sentidos a partir da historicidade do acontecimento emitido pelos discursos, que se atualizam, circulam em diferentes tempos e participam constantemente do processo identitário dos diferentes sujeitos, e seu envolvimento no festejo que é um acontecimento histórico e discursivo, pois um acontecimento “é um ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória”, segundo Pêcheux (2015, p.16).

O festejo passa a ser então compreendido como um acontecimento discursivo, interpretado em seu funcionamento onde há diferentes posições sujeito, e a festa torna-se um movimento constante do discurso e da memória entrelaçando diferentes tempos vividos e sentidos, que faz com que haja um rompimento com as discursividades que estão em circulação, havendo assim falhas, deslizamentos, sentidos diversos deste acontecimento que avançam a memória institucional, cristalizada, sobre a festa, pois o festejo está vinculado a uma redefinição do político, as condições de produções, as formas de se fazer e se dizer no espaço rural e urbano, que se (re) significam cotidianamente.

Importante rememorarmos que o acontecimento histórico “consiste em um fato que por sua relevância enquanto ocorrência no mundo, passa a ser rememorado na história, fazendo parte do dizer sobre o passado de um povo, narrado pela ciência histórica”(LE GOFF, 1996 apud DELA-SILVA, 2008, p.14), neste sentido todo fato torna-se um acontecimento histórico, mas ao buscarmos compreender o fato pela Análise de Discurso

compreendemos porque “o acontecimento histórico pode ser discursivizado de diferentes formas e produzir efeitos de sentido diversos”. (DELA-SILVA, 2008, p. 15.)

O acontecimento discursivo, como nos diz Orlandi (2010,p.19), procura “compreender a língua não só como uma estrutura mas sobretudo como acontecimento. Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história”, diferentemente do acontecimento histórico, o acontecimento discursivo busca ir além do fato, busca a interpretação do que foi dito, compreende o processo, o movimento e os diferentes gestos de leitura, relacionando os diferentes tempo da memória, passado, presente e futuro, para que possa buscar o sentido, a compreensão do discurso pois:

Todo discurso é um deslocamento na rede de filiações, mas este deslocamento é justamente deslocamento em relação a uma filiação (memória) que sustenta a possibilidade mesma de se produzir sentido. [...] Cada acontecimento discursivo é inédito e o retorno da memória não é simples reprodução. (ORLANDI, 1996, p. 92-93)

Buscaremos agora trazer aos leitores um pouco deste acontecimento discursivo e histórico que são os festejos de congada nas cidades de Silvianópolis e Bom Repouso em Minas Gerais, observando que a festa é sempre inédita e nunca uma simples reprodução estagnada no passado como os discursos folcloristas tentam representá-la.

### **3 A FESTA DA CONGADA**

Buscamos neste artigo até o presente momento apresentar ao leitor uma análise realizada sob e dos discursos que determinam a busca da afirmação da identidade do sujeito congadeiro em duas cidades no sul de Minas Gerais. Para que alcancemos tal objetivo foi necessária uma discussão teórica e metodológica do que nos propomos a escrever e que nos permitiram aventurar nestes caminhos, que cremos serem ainda pouco explorados por pesquisadores de diferentes áreas.

Nos depoimentos orais e nas festas que acompanhamos, pudemos perceber canções, rezas, danças que ficaram registradas em nossa memória de maneira lúcida, saudosa e instigante, como o hasteamento da bandeira do divino em 13 de maio e os cantos de entrada de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

As canções cantadas nos festejos regionais fazem referência a São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e outros santos ligados à congada; cantadas por “rainhas”, representadas por mulheres de vestes longas e brancas que têm como papel, dentro do grupo, manterem as

vozes entoadas e representarem no cortejo a imagem das rainhas das festas de congada, que como se pode perceber na fala do congadeiro de Silvianópolis, um de nossos entrevistados, já falecido, homem negro, simpático, alegre e bem receptivo, as rainhas nas festas podem ser: “A *rainha*, por exemplo, aqui (Silvianópolis) ela não é grande, não tem grande força, mas aonde a *rainha de congadatem força ela manda na festa*, que ela quiser, não faça”.

Através da narrativa oral do sujeito congadeiro de Silvianópolis é possível levantar a hipótese de que a rainha na festa de congada possui um papel importante, de respeito pelos congadeiros, talvez por estar vinculada à memória como representações do passado como a rainha do Congo, mas ao iniciar o trabalho nos arquivos eclesiásticos encontramos pistas referentes à rainha que dizem: “*Coroação dos reis de congo*, que aqui em Silvianópolis são substituídos pelos festeiros”<sup>1</sup>.

Ao lançar um olhar inicial sobre a documentação eclesiástica, percebe-se que a festa de congada inicia sua estrutura a partir de reis e rainhas, mas estas representações se dividem, ou se multiplicam, pois para os congadeiros, com quem dialogamos, a rainha é um sujeito social ativo da congada, da dança e para os membros da Associação de Nossa Senhora do Rosário, como me permitiu a leitura inicial deste *corpus* de análise, o rei e a rainha são eleitos, escolhidos entre seus pares, pois estes são os responsáveis pela organização da festa, os chamados festeiros.

Ao trabalhar com um passado próximo, que estabelece um diálogo com o presente, e na multiplicidade da cidade nos diversos modos de viver, buscamos perceber como o festejo da congada e os sujeitos envolvidos nele fazem parte integrante da historicidade do Sul de Minas Gerais, podendo proporcionar a reflexão da problemática da relação de transmissão de costumes cotidianos de pais para filhos e o processo de transformação deste festejo.

Nesta perspectiva tendo como parte de nossos objetivos específicos olhar para nosso objeto a partir de conceitos estabelecidos na Análise de Discurso, buscamos compreender a realidade das relações que se desenvolvem no processo de construção da festa de congada em algumas cidades no Sul de Minas Gerais.

Olhar para estas relações, nos permitiu perceber que os discursos se materializam na história, assim sendo historicizar essas relações é fundamental para entender como os discursos se constituem no espaço de uma cidade que surge e que cresce; como estes

---

<sup>1</sup> Documento datilografado, sem autoria e data, localizado na sede da Associação de Nossa Senhora do Rosário em Silvianópolis - MG.



discursos determinam a construção desta sociedade e quais são as tensões existentes entre os locutores presentes no decorrer desse processo.

O discurso religioso, frente às manifestações de linguagem dos congadeiros nos festejos, acontece a partir da invocação de santos católicos e se constitui em espaços de uma manifestação religiosa que possui características distintas do catolicismo romano, trazendo sentidos contrários daquele pretendido pela igreja na comemoração de seus santos. Neste trilhar é necessário olhar para as diferentes posições sujeito do festejo de congada, de forma que nos conduza a compreender se os discursos se assemelham ou se diferenciam quanto aos sentidos, considerando que os festejos são espaços onde o discurso se materializa, onde os interlocutores nos permitem observar toda a tensão presente nas falas, nas danças, nas canções e em todas as manifestações presentes nestes festejos, pois consideramos o festejo um acontecimento discursivo, o lugar da memória e da história, que é o lugar do discurso, da identificação do sujeito através da historicidade de sua cultura.

Os festejos de congada como já dito anteriormente são pensados neste estudo também como acontecimento discursivo e o que nos interessa aqui, é como o sujeito congadeiro se constitui e se relaciona através do discurso presente nos festejos, produzindo efeitos de sentidos na sociedade e na história. Efeitos que são constitutivos do processo identitário sul mineiro.

Segundo Pêcheux (2015, p.15-28), o acontecimento discursivo “é o ponto de encontro da atualidade e da memória”, assim o festejo aqui abordado se constitui como acontecimento discursivo no qual diferentes discursos se materializam através da atualização de registros do passado, presentes na memória dos sujeitos, partindo da ideia de que a própria memória é a atualização do passado.

As análises a serem apresentadas tiveram como objeto o discurso de congadeiros e os sentidos destes festejos de congada em cidades como de Silvianópolis e Bom Repouso em Minas Gerais, que (re) significam as práticas de linguagem do tempo do cativo em comunidades de homens e mulheres negras destas cidades, desde tempos remotos, mas que se significam de maneira diferente nos discursos, que determinam os diferentes sujeitos que aí se relacionam, afetados sempre pela ideologia e que se constituem em espaços para a construção e afirmação de identidade.



**4 ANALISANDO O DISCURSO**

Em nossos diálogos informais com congadeiros das festas de congada, observamos que uma das interpretações sobre a dança de congo é que a congada era dançada em círculo, onde no centro ficavam duas pessoas dando umbigada enquanto as pessoas em volta batiam palmas, ou seja, a dança da congada consistia em formar uma roda dentro do qual saíam pares que bailavam dois a dois, tomando ares provocadores; quem entrava na dança cantava em coro, um dos dançarinos ao centro dava uma umbigada em outra pessoa que escolhia na roda e esta ia ao centro substituí-la e repetir o ato. Sabendo que há uma multiplicidade na idéia da origem da congada e ainda na tentativa de compreender a dança da congada observemos um dos depoimentos de Carlos Brandão e da bailarina Paula Caruso:

A congada que antes era dançada em forma de círculo, uma espécie de luta teatral. Hoje como a dança é apresentada em épocas *defestas folclóricas* como a de *São Benedito e Nossa Senhora do Rosário*, os dançarinos já não saem mais em círculo, mas saem nas ruas das cidades em grupos com cores diferenciadas, porém a manifestação é a mesma, *relembrando as lutas que os reis e rainhas em seu país travavam*<sup>2</sup>.

Referente à dança, Paula ainda diz:

As maiorias dos congadeiros não dançam com o corpo todo como antigamente, é uma dança fragmentada, dançam apenas com o pé, com a mão ou com o quadril. Apenas os congadeiros *mais velhos ainda conservam o ritmo original*. Congada se dança com o corpo todo, com a alma, com pulso dos pés à cabeça”<sup>3</sup>.

A maneira como Brandão e Paula relatam a festividade pode ser observada durante os festejos de congada, que todas ensaiadas, com uniformes coloridos diferenciando de terno para terno, saem às ruas, ladeiras em fileiras, no entanto, todos os grupos possuem suas bandeiras, rainhas, guardas-coroas, que fazem lembrar a monarquia.

As narrativas de Paula e Brandão demonstram o funcionamento da linguagem quando se trata da congada como dança, vinculam o sentido que remete a “festas folclóricas”, homenagem a santos católicos como “Nossa Senhora do Rosário e São Benedito”. Ao dizerem que esta dança é a mesma “relembrando as lutas que os reis e rainhas em seu país travavam” e ou que somente “os mais velhos ainda conservam o ritmo original”, vinculam o

<sup>2</sup> Carlos Rodrigues Brandão é residente da região e foi entrevistado pelos alunos do projeto experimental do jornalismo em 1997.

<sup>3</sup> Entrevista da bailarina Paulo Caruso Teixeira para a revista Realidade do Sul de Minas em 15 de junho de 2000.

sentido de resistência de práticas de linguagem e discursivas que ocorrem desde tempos remotos e se significam no presente, práticas estas vivenciadas por africanos em seu país de origem antes de serem escravizados no Brasil, e que no tempo presente se fazem latentes de alguma maneira por seus descendentes.

O estudo das festas de congada deve caminhar em torno do entendimento das sociedades que a compõem, bem como seus fatos ou fenômenos sociais totais, envolvendo elementos políticos, econômicos, religiosos, permeado por regras.

Nesta perspectiva, ao iniciar a análise do discurso dos trabalhadores envolvidos na congada, percebemos a necessidade de desdobrar suas formas de expressão simbólica, podendo revelar regras não visíveis no ato do festejo e a percepção das transformações da festa. Vejamos o recorte de um dos depoimentos orais:

*A congada era um folclore muito bom que a gente gostava na época (ele quer dizer década 40), gostava o povo ouvia que a festa do congota chegando, a gente gostava porque aquela animação, aquela empolgação, aquela festa... a pessoa que dança o congo pela devoção de Nossa Senhora e São Benedito, eu não levava na brincadeira, e que o congado hoje é e tá ficando muito difícil é por isso, que essa juventude não liga mais, que sabe da barulhada deles, o que tá bom pra eles tá bom.*<sup>4</sup>

A festa de congada na cidade de Silvianópolis, conforme registros oficiais, acontece há mais de 230 anos, no último final de semana do mês de junho, é uma festa organizada pela Associação de Caridade de Nossa Senhora do Rosário, que envolve diferentes sujeitos responsáveis pela organização do festejo desde a eleição de seus festeiros e festeiras, que são escolhidos pela comunidade em ato solene todo dia 13 de junho e assumem o compromisso de organizar a festa para o próximo ano, tendo como responsabilidade zelar e proteger a coroa de Nossa Senhora do Rosário, considerada pela comunidade afrodescendente a mãe dos homens pretos.

O trecho citado do depoimento do congadeiro de Silvianópolis deixa evidências desde perda da devoção à maneira de como o acontecimento da congada vem sofrendo o processo de reformulação, o que no passado era parte de sua prática cotidiana onde envolvia de maneira natural a participação das crianças, filhos de congadeiros, na atualidade, “tá ficando muito difícil”.

A memória discursiva do congado é entendida neste estudo na perspectiva de que:

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada com congadeiro na cidade de Silvianópolis - MG, por Andrea Silva Domingues no ano de 2003.

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 2010, p.46)

O depoimento do congadeiro silvianopolense, está em sua maioria sempre conectado a “um folclore muito bom”, ou seja, algo que vem sendo transmitido em diferentes tempo da memória, que possui a sua historicidade vinculada a experiências diversas, sendo assim, chamada de “festa de congo”, nos conduzindo a pensar as lembranças de terras africanas como da região do Congo de onde tivemos muitos escravos trazidos para o Brasil como mão-de-obra forçada e explorada.

Ao ter acesso a mais uma entrevista com um congadeiro, também com mais de oitenta anos de idade e residente na cidade de Bom Repouso- MG, local em que é realizado o festejo desde o início do século XX no mês de novembro, este nos diz que:

Essa congada é muito antiga sabe, porque Nossa *Senhora do Rosário e São Bendito*, são imagens bonitas, mais bem antigas, *essa congada é uma representação dos escravos*. Eu conheci alguns antigos que faziam parte dela e já morreram, eram tudo *de cor preta*<sup>5</sup>.

Na narrativa do congadeiro de Bom Repouso sua memória discursiva retoma discursos anteriores ao seu tempo vivido, porém, é muito mais que isso, esta nos remete a um espaço de lutas, que nos leva a compreender esta festa como espaço de religiosidade, fé e resistência.

Mesmo sem ter vivido o tempo da escravidão este nos afirma que “essa congada é uma representação dos escravos” e isto ocorre por que para a Análise do Discurso, o sujeito sempre é interpelado pela ideologia e pela história; devido este estar inserido em seu tempo e lugar, querendo ou não o mesmo constrói seu discurso em detrimento de outro discurso, pois a memória não nasce do nada ela sempre está em movimento e em constante (re)significação, a memória “é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentidos. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer.” (ORLANDI, 2015, p. 58)

---

<sup>5</sup> Congadeiro da cidade de Bom Repouso – MG, entrevista realizada por Mairon Teotônio de Brandão em 2015.

Além da memória do cativo, da escravidão, a narrativa traz o sentido da festa vinculado a fé aos santos “Nossa Senhora do Rosário e São Benedito”, considerados os protetores como já dito acima dos homens “de cor preta”.

Observa desta maneira que a festa de congada é o lugar da memória e da história, lugar da fé, do lazer, da sociabilidade e, principalmente, da resistência, onde o sujeito se identifica através do discurso que se materializa em suas práticas de linguagem cotidianas, onde ocorrem as contradições, os deslizamentos, os equívocos e efeitos de sentido, pois sabemos que as palavras não são nossas, e que estas se significam diariamente pela história e pela língua, sempre o que é dito em outro lugar, se significa em nossas palavras do tempo presente. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ao controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, 2010, p.34).

## **5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Este artigo discutiu a festa de congada, especialmente em seu sentido para alguns congadeiros debruçando-se sobre a questão da memória, pensada tanto a partir do discurso no que diz respeito às suas regulações, quanto ao modo como os sujeitos envolvidos neste festejo se significam e identificam-se neste acontecimento histórico e discursivo.

Buscamos assim (re) pensar o discurso oficializado e as formas de problematizar pesquisas a partir da posição de historiadores/analistas de discurso comprometidos com o social. Sob essa perspectiva, uma leitura dessa representação/discurso se fez necessária para dar visibilidade ao processo de construção identitário dos sujeitos envolvidos no acontecimento.

Desse modo, exploramos a historicidade e a memória discursiva que circulam nas narrativas orais, nos documentos oficiais e práticas de linguagem cotidianas. A noção de memória discursiva foi fundamental em nossas análises, posto que nosso *corpus* de estudo situa-se em diferentes espaços e nele diferentes sujeitos se significam em diferentes lugares (não pensamos aqui na noção de lugar como espaço físico, mas um lugar social ou ideológico).

O estudo sobre e das festas de congada contribuíram para que pudéssemos compreender os festejos além de um acontecimento histórico, mas especialmente como um acontecimento discursivo que produz efeitos de sentido a partir da historicidade do acontecimento, efeitos emitidos pelos discursos que se atualizam e circulam.

É importante compreender que a memória institucionalizada, homogeneíza o discurso, provocando um efeito de sentido de um acontecimento ausente ou desconhecido ou, até mesmo, com sentidos silenciados. A festa de congada não tem apenas um sentido, a mesma é vivida como resistência, fé, lazer e ou sociabilidade, torna-se um espaço de disputa, que faz com que cada posição sujeito busque táticas e estratégias para manutenção da festa que se (re) significa a todo momento.

Assim, a festa foi e é pensada, como um acontecimento histórico e discursivo atualizado e, ao mesmo tempo, em transformação, que se constitui nas experiências sociais, políticas, econômicas, religiosas diversas, instituindo um campo de memória discursiva atravessado pelos conflitos de classe.

### REFERÊNCIAS

DELA-SILVA, Silmara Cristina. *O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia*. 2008. 237f. Tese (Doutorado em Linguística. Área de concentração: Análise de Discurso) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

DOMINGUES, Andrea Silva; CARROZA, Newton Guilherme Vale. História Oral, Discurso e Memória. *Tempos Históricos*, Paraná, v. 17, 2º semestre. 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/andreadomingues/Downloads/9883-35642-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/andreadomingues/Downloads/9883-35642-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 09 ago.2017.

LE GOFF, J. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5.ed. Campinas: Unicamp, 1996. 256 p.

ORLANDI, EniPuccinelli. *Discurso e Leitura*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2008. 119p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1996 p.156.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre et al. (orgs.). *Papel da Memória*. Campina, SP: Pontes, 2015 p. 53-62.

ORLANDI, Eni.P. *Análise de discurso – Princípios e procedimentos*. 9. Ed. Campinas: Pontes, 2010. 100p.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010. p .43-51.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 7. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2015. p. 66.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Revista Projeto História*, São Paulo, v.13, p. 13-33, abr.1997.

.